

## DARWIN E A VISÃO DE CIÊNCIA

Anna Carolina Regner

Universidade do Vale do Rio dos Sinos; aregner@portoweb.com.br.

A *Origem das espécies*, cuja primeira edição aparece em 1859, teve um impacto não somente no estudo da História Natural e nas disciplinas do que hoje chamamos de Ciências Biológicas, mas no nosso próprio modo de ver e conceber a atividade científica. Na Inglaterra, a “História Natural” que Darwin encontrou confundia-se com uma “teologia natural”, quando os naturalistas (muitas vezes pacatos párocos) tomavam a aparente perfeição de adaptações e co-adaptações como evidências de desígnio divino, enfatizando a harmonia de toda a natureza. No plano dos debates geológicos e paleontológicos, a grande polêmica era a do “catastrofismo *versus* uniformitarismo”. As investigações sobre o tema ensejavam investigações sobre a origem das formas biológicas, a respeito da qual a grande polêmica foi a do “criacionismo *versus* evolucionismo”. Ambos os termos sofreram diferentes determinações. No que concerne ao “evolucionismo”, as diferenças foram, sobretudo, referentes ao mecanismo da mudança. Quanto a “criacionismo”, o termo comportou diferentes níveis de comprometimento com a idéia de intervenção divina para a explicação dos fenômenos naturais. O criacionismo contra o qual Darwin claramente se coloca tem um sentido bem técnico: trata-se da visão de que cada espécie seja fruto de um ato especial de criação. A grande contribuição de Darwin à questão da origem das espécies foi o mecanismo de sua teoria da seleção natural (da preservação e acúmulo na direção requerida das variações úteis a seu portador e a eliminação das injuriosas), pela qual se dá a produção de novas e “mais aperfeiçoadas” formas orgânicas. Esse novo modo de ver a questão-chave da *Origem* refletirá decisivamente na pesquisa das várias áreas da História Natural, demandando a criação e a reorganização de vários departamentos de pesquisa. Contudo, a revolução epistemológica de Darwin foi mais além, trazendo, entre outras mudanças, uma nova visão de padrões de procedimentos científicos. As conotações que Darwin empresta ao que seja a tarefa explicativa representam um dos mais fortes indicadores de sua presente contemporaneidade. Em todos os momentos da sua tarefa explicativa, Darwin está atento ao fato de que “explicar” sempre depende de uma determinada visão teórica ou suposição e, em particular, da comparação de visões diferentes, sobretudo em casos como o seu, quando, segundo suas palavras, não há um único dos fatos arrolados que não possa ser visto de uma maneira diferente da sua. Comparar a acuidade e maior alcance de sua visão com a visão adversária será uma das estratégias básicas de Darwin ao construir e defender a sua própria teoria. Um resultado importante dessa estratégia é que “explicar” resulta em apresentar a melhor alternativa explicativa possível - que acontece ser a teoria darwiniana - e que, mais adiante, torna-se a única explicação (racional) possível. Ao comparar a sua teoria com a de seus oponentes, por meio da resposta a objeções, Darwin normalmente faz uso de vários procedimentos reconhecidos como “científicos”, mas também lança mão de procedimentos bastante inovadores, como a rede de informações que criou em sua correspondência, o tratamento de dificuldades e objeções à teoria, o jogo do atual (o que está dado) e do possível (do que pode ser dado, sem impossibilidade lógica ou fática) ao explicar e avaliar os méritos de nossas explicações, sua solicitação de que seja considerado o poder explicativo da teoria “como um todo”, o uso que ele faz de imaginação e metáforas, e o apelo à autoridade da comunidade

científica. Tais procedimentos contribuíram para o reconhecimento da complexidade das relações entre a unidade teórica e a testabilidade empírica, e do papel determinante das estratégias argumentativas.